



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Revista Living

Data: 01/11/2014

Caderno/Link: Liv Jardim / 44

Assunto: A herança se multiplica





A herança se múltiplifica

Ao doar a Fazenda Figueira, no Distrito de Paiquerê, o agrônomo Alexandre von Pritzelwitz deu continuidade ao seu projeto de vida.

Por Karla Matida **Fotos** Fábio Pitrez

Solteiro e sem filhos, o engenheiro agrônomo Alexandre von Pritzelwitz decidiu deixar de herança uma fazenda inteira para a faculdade onde estudou. Quatorze anos depois de sua morte, a Fazenda Figueira segue produtiva e com números que deixariam seu benemérito para lá de satisfeito.

Nascido em Santos em 1925 e filho de imigrantes alemães, von Pritzelwitz veio morar em Londrina no início dos anos 1940, quando o pai comprou a Figueira. Mas ele logo seguiu para Piracicaba (SP) para estudar na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq). "Uma das mais antigas e tradicionais faculdades de agronomia do País, a primeira turma de formandos é de 1901", lembra José Renato Silva Gonçalves, administrador da fazenda. "O senhor Alexandre se formou em 1948", cita.

Em 1995, cinco anos antes de falecer, von Pritzelwitz foi até Piracicaba encontrar diretores da faculdade, que é vinculada à Universidade de São Paulo (USP), e conversar sobre sua decisão. A doação, que veio a público apenas na leitura do testamento, no início do ano de 2000, foi feita à Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq). "É uma fundação privada, sem fins lucrativos, e é a administradora dos projetos da Esalq", explica Gonçalves.

"Depois que se formou, a fazenda se tornou o projeto de vida dele, onde ele mostrava os conhecimentos, o que tinha aprendido. Como não tinha herdeiros, pensou na doação para que a fazenda se mantivesse viva como um centro de pesquisas."

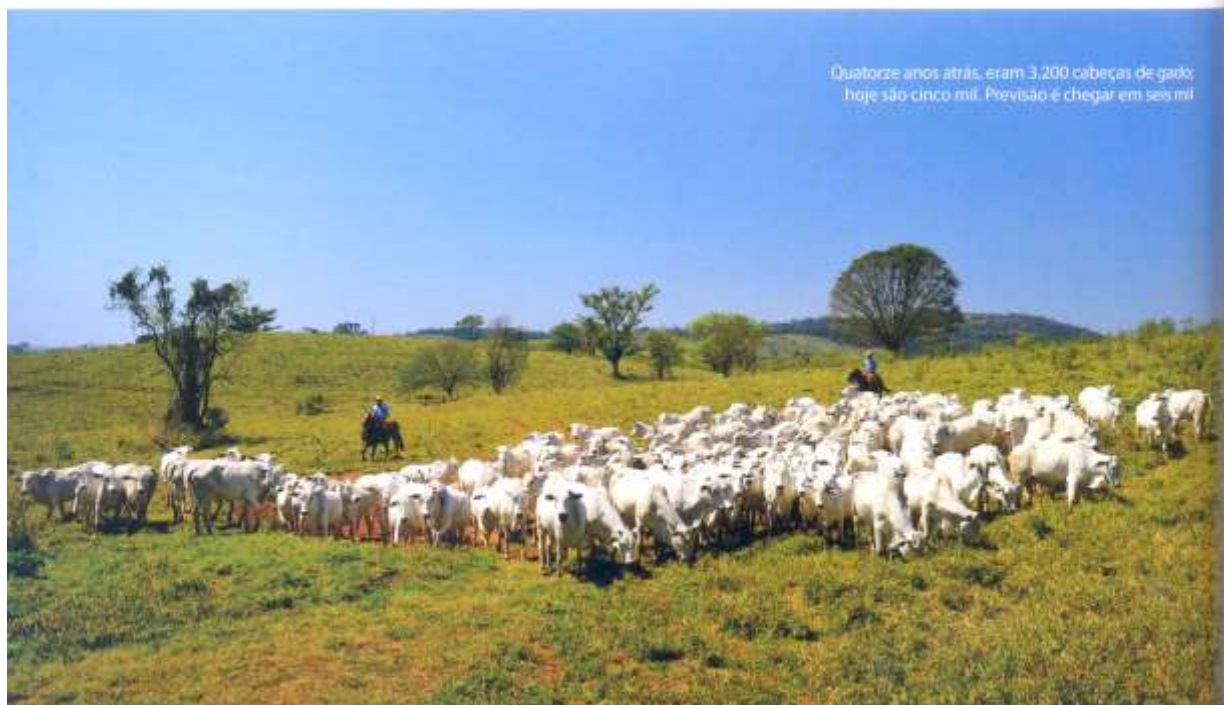
De acordo com o administrador, em 14 anos já foram produzidos 65 estudos ligados à fazenda. Cerca de três mil pessoas

já passaram por lá, entre alunos, pesquisadores e produtores rurais da região, convidados a participar de dias de campo na fazenda. Nestes dias, os produtores são convidados a conhecer as implementações e pesquisas feitas na Figueira, no melhor estilo "ver para crer". Essa produção de conhecimento coloca Londrina como polo da genética pecuária, apesar da pouca participação da criação de gado na economia local.

Com 1.500 alqueires, a Fazenda Figueira tinha 3.200 cabeças de gado de corte em janeiro de 2000, quando von Pritzelwitz faleceu. Hoje o rebanho tem cinco mil cabeças. "Vamos chegar a seis mil, que é o ponto máximo", contabiliza Gonçalves. Ele faz uma projeção para alcançar o número em 2016.

O administrador lembra que o antigo proprietário deixou apenas uma restrição no testamento. "A fazenda tinha que ser conduzida com projetos e recursos gerados na fazenda. E, lá em 2000, nós assumimos que isso era sustentabilidade. Então toda nossa gestão é baseada nisso, nós precisamos de muita eficiência produtiva e, para isso, a fazenda gera informação, busca tecnologia e faz os experimentos." A Figueira produz três vezes mais bois por hectare do que a média brasileira.

"Também mantemos em harmonia a questão ambiental e social", explica o administrador. A Fazenda Figueira tem hoje a maior RPPN (Reserva Particular de Patrimônio Natural) de Londrina, com 500 alqueires, batizada de Mata do Barão em homenagem ao título do pai de von Pritzelwitz. A mãe também foi lembrada e dá nome à Estação Experimental Agrozootécnica Hildegard Georgina von Pritzelwitz, responsável pela parte das pesquisas da Fazenda e administrada pela agrônoma Laisse Garcia de Lima.



Quatorze anos atrás, eram 3.200 cabeças de gado; hoje são cinco mil. Previsão é chegar em seis mil



Dentro da RPPN Mata do Barão, perobas de grandes proporções resistem ao tempo, Fazenda é servida por dois rios, o Tibagi e o Taquara



O casal José Renato Gonçalves e Laisse García de Lima administra a Figueira desde o ano 2000



"Nosso enfoque é a pesquisa de gado de corte; trabalhamos com nutrição animal, reprodução, pastagens, manejo de pastagens", explica Gonçalves. "Paralelamente, também fazemos estudos ambientais, catalogamos todas as espécies vegetais da fazenda e da reserva e descobrimos oito espécies que ainda não eram catalogadas. Não porque são raríssimas, mas porque não havia um estudo do tipo. Também catalogamos todas as espécies de animais, sobretudo aves e mamíferos."

A sede da Figueira foi construída em 1942 e mantida sem grandes mudanças até a morte de von Pritzelwitz, que não era dado a luxos. "O colchão dele ainda era de capim", conta Gonçalves. Com a doação, a Fealq transformou a casa do agrônomo em uma espécie de museu, depois de algumas melhorias na estrutura, sem modificar o conteúdo.

Foram mantidos os livros que ele lia em quatro línguas e os móveis, que eram da época dos pais. Antes de doar a Figueira, von Pritzelwitz já havia entregue alguns apartamentos para a Esalq, para que o aluguel fosse revertido em bolsas para alunos carentes.

Histórias como a do agrônomo – ex-alunos fazendo grandes doações para a faculdade – não são muito comuns no Brasil. Mas von Pritzelwitz pode ter se inspirado no homem que dá nome à própria escola, já que Luiz de Queiroz doou o terreno e um edifício que deram origem à Esalq.



Sede da fazenda, construída em 1942, ganhou reforços na estrutura, mas conserva os móveis e objetos deixados por Alexandre von Pritzelwitz.

